



NÚCLEO DA RECONCILIAÇÃO

Prof. Masi Elizalde

Transcrição da palestra do Dr. Masi Elizalde realizada em Dezembro de 2000 por Dr. Erasto Luiz de Souza

Em primeiro lugar, este núcleo não está confirmado, penso que só poderá ser agregado aos núcleos da Psora Primária depois que tivermos revisado muitos remédios que antes nos passaram despercebidos a possibilidade de que houvera tido sintomatologia desse possível núcleo da reconciliação. Prefiro por este momento, até encontrar-lhe um nome plenamente satisfatório, que o chamemos de 6o núcleo mas com um sinal de interrogação, porque, volto a repetir, não é como os outros núcleos que se encontram com muita frequência nas patogenesias, sobre tudo Culpa e Castigo, com menos frequência o da Justificativa e o da Nostalgia. Então, por isso, tenho muita precaução antes de integra-lo ao quadro da Psora.

Quando apareceu e em que remédio se vê com toda clareza? Menyanthes está edificado sobre um grande tema, sobretudo numérico quanto a sintomas, que era o núcleo da opressão: tudo é pressão, todo o sofrimento é pressão. Estudando o que é "pressão", tratando de entender a linguagem orgânica pela analogia, surgia claramente que o significado, de sofrer pela pressão, é sofrer de sensação profunda de perda da liberdade; está travado em sua liberdade, oprimido.

Já lhes disse que os grandes temas podem ser numéricos ou feitos pela originalidade da sintomatologia que o compõe e neste medicamento temos essa enorme quantidade de sintomas que falam do sofrimento pela pressão,



que traduzidos a um plano mais profundo, querem dizer perda da liberdade. Havia um grande tema que chamava a atenção, pelo paradoxal com o resto da sintomatologia, esse medicamento que sofria tanto pela pressão, surpreendentemente, melhorava pela pressão. Todas essas dores opressivas, quando *Menyanthes* põe a mão, melhora e quando retira a mão voltam a aparecer. Por isso coloquei a melhora pela pressão como outro grande tema, pelo paradoxal, pelo estranho que resultava diante de todo o resto da sintomatologia. Agora tinha que entender o que se passava com estes grandes temas, o por que isso acontecia? Que significado poderíamos encontrar a nível mais profundo que nos daria a compreensão da essência do medicamento? Aqui, nem precisamos recorrer à analogia, simplesmente no dicionário da língua, vimos que no significado de “mão” esta a possibilidade de oprimir, de ser manifestação de opressão, porém existe também a sua parte boa, quer dizer, que tem outro significado, que é o de dar ajuda, de certo modo, de liberar, de desoprimir, mas com a ajuda do outro. Buscando na psicologia, em Collin, sobretudo, surgia um significado profundo de alto nível hierárquico, porque discute um dos problemas mais difíceis de se resolver pelos filósofos, o problema é: a ajuda de Deus é um entrave ao livre arbítrio do homem? Onde está o livre arbítrio, se quem soluciona a coisa é Deus? É como Ele quer? É uma ingerência de Deus? *Menyanthes* pensa assim: isto eu não aceito, estão tirando o meu livre arbítrio, a minha liberdade, a mão tem um mal significado, é uma opressão. *Menyanthes* não percebe, que aceitar a pressão da mão, o alivia, isto o faria refletir e inclusive permitir-lhe, com a aquisição de conhecimentos que abarcam o universo, como dizia Hahnemann, encontrar uma solução por fora da possibilidade medicamentosa, (obs. Masi nesse momento transpôs, ou melhor, deu um salto digno dos verdadeiros gênios, ele faz uma relação entre o entendimento de um medicamento com uma possibilidade de tratamento “curativo” sem medicamento). Pelo menos em *Menyanthes*, este 6o núcleo que surge com tanta raridade, pode indicar ao paciente e ao



médico qual é o caminho para curar-se só, sem remédio, coisa que tão bem nos faria até que tivéssemos experimentado todas as substancias da natureza.

Pode-se fazer com que um paciente Menyanthes compreenda o verdadeiro significado do tema ajuda. Que compreenda que a ajuda e sobre tudo a ajuda de Deus não trava o seu livre-arbítrio, se não, que simplesmente "afasta" os obstáculos para que se opte pelo bom caminho, entretanto, pode rechaçar essa opção se quiser.

Creio que vocês se recordam, faz tempo que venho pensando, e de acordo com Hahnemann, pois foi Hahnemann que nos disse da possibilidade de uma terapia estruturada em base a nosso critério de enfermidade, ao nosso conhecimento do homem, quer dizer, trabalhando com um homem entendido a maneira aristotélico – tomista, com um composto substancial, com um destino último, a beatitude.

Junto com isso encontrei em minha biblioteca uma carta de Hahnemann para Staf ou a um enfermo, não tenho certeza, que dizia, confirmando uma vez mais ou dando outra prova do tomismo hahnemaniano, que mesmo depois da morte, na outra vida, o criador em sua infinita bondade continuaria nos ajudando, para que seguíssemos remontando nosso fim último que é tratar de nos assemelharmos cada vez mais, ou de aperfeiçoarmos nossa condição de imagem de Deus, quer dizer, fazer-nos a cada dia mais e mais à imagem de Deus. Evidentemente este 6o núcleo fala disto, porque nos leva a possibilidade de saber por onde conduzir a Psora Primária dos pacientes.

Volto a repetir, temos que encontrá-lo nos demais medicamentos se não podemos pensar que tudo é muito fácil. Estão exagerando um pouco com este assunto do núcleo da reconciliação, em todas as hipóteses que me apresentaram em Paris já se falavam do 6o núcleo por tal sintoma, um



momento, não é questão de inventar porque gostamos do 6o núcleo, é questão de encontrá-lo e comprovarmos que é o 6o núcleo.

Que imagem, muito comum, muito geral, se assemelha a *Menyanthes*? Pode ser simplesmente uma imagem de similar e não de *simillimum*, se não haveria uma excessiva quantidade de pacientes *Menyanthes*, é o quadro típico da rebeldia da adolescência, faço porque eu quero, não tenho porque aceitar o que meu pai quer que eu faça, já sou grande, me cuido sozinho. Claro, alguns serão legítimos *Menyanthes* e outros não. Mas creio que é um bom similar para estas situações.

Como todos os sintomas tem diversas apreciações, por um lado melhora e por outro remarca sua rebeldia. Como a mão é dele mesmo, eu me aperto e melhora, que outro significado isto pode ter? Se for a minha mão, sou eu que me curo, reforça a temática de independência absoluta no sentido de receber ajuda, se aprofundamos mais o fato e aceitamos a palavra ajuda na significação do sintoma, quer dizer, para melhorar minha sensação de perda da liberdade eu tenho que aceitar que me ajudem, a ajuda em geral.

Uma vez que surgiu esta possibilidade do 6o núcleo, esta hipótese, comecei a encontrar justificações em tudo que lia da literatura tomista, a mais satisfatória de todas, a mais evidente é a que diz Pascal, que não era tolo, que falava de uma coisa que aparentemente resultava chocante, do bom uso ou da boa utilização da enfermidade, quer dizer que a enfermidade pode ser bem utilizada, que não estamos subordinados somente a sua má condição, que em si mesma, a enfermidade nos brinda elementos positivos que temos que aproveitar. Depois, em Sto. Tomás, encontrei que a enfermidade é a forma que utiliza Deus para castigar nossos pecados, obviamente não é Deus que gera a enfermidade, se não, através do desencadeamento do processo de enfermidade por nossos desvios do caminho reto como se cansa de dizer Hahnemann em todos os seus escritos; para castigar, porém, também em



alguns casos, para nos salvar. Se a enfermidade tem a possibilidade de salvar-nos, fica tudo muito coerente com o que sempre sustentamos, isto é, que as entidades clínicas tem um sentido positivo até a cura, mas sem força para concluí-la. Os esforços miseráveis e incompletos etc...

Se vocês quiserem entrar no terreno religioso, depois de toda a revisão crítica não temos outra possibilidade, a não ser, aceitar entrar no religioso, é justamente o que Hahnemann questiona. Se formos criteriosos temos que aceitar e dimensão religiosa do homem e os problemas que existe nessa dimensão se não, nunca entenderemos o homem por completo. Quer dizer, uma vez mais voltamos a Pascal, a boa utilização da enfermidade, como lhes dizia, aceitando isso, não pude deixar de recordar um episódio da Gênese, qual é o último gesto de relação direta entre Adão e Deus quando Adão foi expulso, Deus lhe dá umas peles, no meio do castigo um elemento de ajuda, um paliativo do castigo, se isso ocorria ao nível da Gênese, ao nível do máximo castigo, por que iríamos pensar que na enfermidade que é outra forma de castigo, Deus não iria dar também umas peles, uma ajuda, uma coisa positiva, ainda dentro do mal, do doloroso, não aceitar isso é um pouco desconhecer a Deus em seu infinito amor. Coloquemos com clareza, Deus não castiga, é o homem que com suas ações equivocadas gera o que depois será o castigo, como diz Sto. Tomás, aquilo que ao final se converte em sofrimento e castigo de cada homem é aquele aspecto da lei que não quis obedecer, que é o mesmo que diz Allen, por detrás da sintomatologia de cada enfermidade se encontra a sintomatologia da lei violada, então parece que, se confirmado esse núcleo, uma coisa que completa harmoniosamente tudo que estamos dizendo, quer dizer, graças à existência do que é Deus, sempre no meio do que é o pior temos o alívio, se sabemos aceitar e seguir o caminho que nos indica. Pensem em Menyanthes, ele se aborrece da vida, a si mesmo, ao não aceitar os conselhos dos que sabem mais que ele, porque da rebeldia de Menyanthes não sai nada de bom, porque o conselho o faria



manter-se dentro da lei e ele por sua rebeldia se afasta da lei, quando se afasta, vem a conseqüência que denominamos castigo, que é uma coisa fisiológica. Não se esqueçam de como Deus governa o mundo, por meio de dois grandes elementos: da lei para que saibamos por onde seguir e a graça para ajudar-nos a seguir o caminho nos aspectos que nos pareça difícil, isso fica claro quando compreendemos Arsenicum album que tem todo o desejo de ordem, de governar com responsabilidade, se o outro não cumpre com o que deve ser ele sente que deveria tê-lo ensinado bem, por isso que, no sintoma que ele vê o outro enforcado e quando não pode cortar a corda sente como se fosse ele que tivesse se enforcando, que esta sendo castigado. Existe também, toda a sintomatologia de desgraça em Arsenicum album, desgraçado, condenado, sem ajuda, quer dizer que sofre do problema relacionado com aspecto lei, mas também com do problema relacionado com o rechaço a graça.

Já no caso de Menyanthes fica evidente que todos os males vem por essa atitude de rebeldia de não aceitar o conselho dos maiores, dos que sabem mais que ele, dos que lhe estão indicando o caminho. O castigo não vem de fora, o castigo, o desenvolvemos nós mesmos ao colocarmos em marcha um mecanismo matemático.

O perigo que vejo nos estudos das patogenesias, ao buscarmos a sintomatologia do 6o núcleo, é aceitarmos todas as modalidades de melhoria como deste núcleo. Pode ser que sim, o que acontece é que temos que ver, como fizemos no caso da mão em Menyanthes, por que tal melhoria forma parte do 6o núcleo, o que quer dizer esta melhora num plano mais profundo, num plano superior ao físico.

Desde um ponto de vista prático, não somente completa as possibilidades de compreensão da essência, do gênio do medicamento, como também abre a possibilidade de atuar quando não encontramos o medicamento que cobre a



imagem do paciente, quer dizer, tentar estruturar, com esses conhecimentos que chegamos depois de tanto tempo de trabalho, de análise e de crítica, uma psicologia ou psicoterapia homeopática. Volto a insistir, não é questão de desperdiçar o que outros fizeram antes. Cuidado, porque já sabemos todos os erros que ocorrem nas psicoterapias, que também estarão presentes nesta, a não ser por um fato, porque esta psicoterapia estaria baseada em algo que as demais psicoterapias, salvo, que eu saiba a logoterapia de Viktor Frank, esta baseada em por em vigência, frente ao paciente, a existência em seu nível de vida, o elemento espiritual e instruí-lo sobre qual é a finalidade deste nível espiritual, isto é, a busca do absoluto, do transcendente, então, daí, é um passo por no tapete a existência de Deus, com as suas características. Creio que, por trabalhar, por assim dizer, com a mão de Deus, essa psicoterapia pode evitar muitos problemas que existem nas outras psicoterapias, desde já, não vou me meter nisso, não tenho tempo, porém lhes deixo a semente para quem se interessar. Volto a repetir, temos que levar em conta os mecanismos do subconsciente, eu não rechaço o fisiológico, nem o fisiopatológico da psicanálise, mesmo da ortodoxa, não vou negar a repressão, por exemplo. Viktor Frank, aceita o nível espiritual, tanto é assim que Frank tem um livro que é uma maravilha que se intitula, pelo menos na tradução brasileira "A Presença Ignorada de Deus", numa frase muito parecida ao que eu havia escrito nas Actas, ele dizia, "os que dizem que com o psicossomatismo, as terapias reencontram sua condição unitária de homem, mentem, porque todas essas doutrinas são psicossomáticas e para recuperar a verdadeira unidade do homem, deveria se dizer espírito-psicossomático, porque, se não se coloca o espírito, se retira o motor de todo o processo, o psíquico é, nada mais, do que a maneira de expressar o espiritual".

Temos a transgressão, a falta; a culpa; o castigo, (ainda vou retirar esse nome castigo, o lógico seria a conseqüência); a nostalgia, pq tenho a



reminiscência da perfeição que tinha e que perdi, o temor a que me castiguem porque sou culpado; o aliviar um pouco a culpa com o núcleo da justificativa e o núcleo que esta me dizendo: este é o teu caminho para voltar a trajetória correta, o núcleo da reconciliação.